

LITERATURA COMO ESPELHO: COMO OS LIVROS PARADIDÁTICOS REFLETEM E REFORÇAM IDEIAS DE RAÇA E IDENTIDADE

Elisiane Vieira dos Santos de Sousa ¹

RESUMO

Este estudo investiga o papel crucial dos livros paradidáticos infantojuvenis na desconstrução de estereótipos raciais e na promoção de uma educação antirracista. A partir das teorias de bell hooks e Nilma Lino Gomes, analisamos como essas obras influenciam a formação da identidade e autoestima das crianças negras. hooks ressalta a importância da representação positiva de pessoas negras na mídia e na literatura, enquanto Gomes enfatiza a necessidade de materiais que reflitam a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira (hooks, 1992; Gomes, 2012). Ambas as autoras advogam por uma abordagem crítica na educação, destacando que a ausência de representatividade pode impactar negativamente as crianças, fortalecendo estereótipos e preconceitos raciais. A falta de diversidade nos livros paradidáticos pode limitar as referências culturais das crianças, especialmente quando se trata de figuras como as princesas da Disney, ainda muito utilizadas em espaços educacionais, e que historicamente têm sido predominantemente brancas. Esta ausência de representatividade pode reforçar a ideia de que a beleza, o valor e a narrativa dominante são exclusivos de um único grupo racial, perpetuando assim o racismo estrutural (hooks, 2006). Portanto, a presença de personagens negros e de outras minorias étnicas nos livros paradidáticos é essencial para promover uma visão mais inclusiva e precisa da sociedade, ajudando a fortalecer a autoestima e a identidade positiva das crianças negras. Este estudo destaca a necessidade urgente de garantir que os livros paradidáticos reflitam a diversidade étnico-racial da população e sirvam como uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo na educação e na sociedade em geral.

Palavras-chave: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, REPRESENTATIVIDADE, DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL.

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil tem desempenhado, ao longo das décadas, um papel crucial na formação do imaginário das crianças. Sua função vai muito além de entreter, servindo como uma ferramenta de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O poder das narrativas que as crianças encontram em livros é inegável, pois essas histórias formam a base de como elas compreendem o mundo e se posicionam nele. Nesse sentido, os livros paradidáticos ganham relevância especial ao complementarem o currículo escolar, oferecendo aos jovens leitores a oportunidade de explorar conceitos que vão além do conteúdo formal das disciplinas tradicionais, mas que são essenciais para a construção de sua identidade social e cultural.

¹ Graduada em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, elisiane.vieira@gmail.com;

No entanto, se por um lado os livros paradidáticos podem servir como janelas para o mundo, por outro, eles podem também atuar como espelhos. A representação de personagens e contextos nesses livros é fundamental para que as crianças se reconheçam e vejam suas próprias experiências validadas e legitimadas. A ausência ou má representação de certos grupos étnico-raciais, por exemplo, pode gerar lacunas significativas no processo de formação identitária de crianças negras, reforçando estereótipos e marginalizando suas vivências. Assim, refletir sobre como essas obras representam questões de raça e identidade torna-se urgente, sobretudo em um contexto como o brasileiro, marcado por profundas desigualdades raciais.

Os estudos sobre representatividade racial na mídia e na literatura demonstram que a falta de diversidade nas narrativas tem um impacto direto e profundo no imaginário infantil, moldando a forma como as crianças percebem a si mesmas e os outros. Bell hooks (1992) argumenta que a presença de personagens negros na literatura e na mídia é crucial para que crianças negras possam se enxergar de maneira positiva, reconhecendo-se como sujeitos dignos de histórias que as valorizem e incluam suas experiências. A ausência dessas representações reforça a ideia de que a branquitude é o padrão universal de beleza, inteligência e poder, enquanto as narrativas que incluem pessoas negras são marginalizadas ou sub-representadas. Essa invisibilidade simbólica impõe barreiras para a construção da autoestima e da identidade de crianças negras, que podem internalizar a inferioridade que lhes é socialmente atribuída.

Cida Bento, em sua obra *O Pacto da Branquitude* (2022), explora como o racismo estrutural, sustentado por um pacto silencioso da branquitude, mantém esses privilégios raciais ao naturalizar a supremacia branca e silenciar as experiências das pessoas negras. Segundo Bento, o pacto da branquitude é um acordo implícito que organiza a sociedade de modo a garantir que os privilégios históricos da população branca sejam mantidos. Isso se manifesta não apenas nas estruturas econômicas e políticas, mas também nas esferas simbólicas, como a literatura paradidática. Nos livros destinados às crianças, a predominância de personagens e narrativas brancas reforça a normatividade da branquitude, ao mesmo tempo em que marginaliza as identidades negras, mantendo as crianças negras à margem da narrativa oficial.

Essa falta de representatividade e a manutenção da hegemonia branca nas histórias que são contadas às crianças têm consequências duradouras. As crianças negras, ao não se verem representadas de maneira positiva e central nas narrativas, podem ter sua autoestima e identidade racial impactadas negativamente. Em vez de se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias, elas são muitas vezes relegadas a papéis secundários ou estereotipados, quando sequer são representadas. Ao perpetuar essa lógica, o pacto da branquitude invisibiliza essas crianças, contribuindo para a reprodução de hierarquias raciais desde a infância.

Nilma Lino Gomes (2012) também se debruça sobre essa problemática, ao enfatizar a importância de uma educação que não só reconheça, mas valorize a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira. Para a autora, os materiais pedagógicos, incluindo os livros paradidáticos, desempenham um papel fundamental na formação de uma educação antirracista. A educação formal e informal deve estar comprometida com a criação de um ambiente onde a diversidade seja valorizada e onde todas as crianças possam encontrar, em seus materiais de leitura, reflexos de suas próprias histórias e culturas.

A questão da representatividade vai além do simples ato de inserir personagens negros ou de outras minorias nas histórias. Trata-se de como essas personagens são retratadas. Estudos como os de Chimamanda Ngozi Adichie (2009) alertam para o perigo da "história única" – ou seja, a tendência de se contar uma única versão das histórias de grupos marginalizados, limitando suas narrativas a estereótipos e representações simplistas. Em muitos casos, as personagens negras nos livros paradidáticos são representadas de maneira secundária ou estereotipada, reforçando preconceitos raciais em vez de desafiá-los. A ausência de complexidade nas personagens negras ou sua redução a papéis subalternos é mais uma manifestação do racismo estrutural presente na sociedade e, como tal, precisa ser abordada criticamente.

Autores como Stuart Hall (1997) discutem como a representação está intimamente ligada às questões de poder, especialmente no que se refere à raça e à identidade. Hall argumenta que as representações são construções sociais que refletem as relações de poder existentes. Portanto, a forma como os personagens são representados na literatura infantojuvenil não é neutra. Ao contrário, é uma expressão de como a sociedade valoriza

– ou desvaloriza – certos grupos sociais. No caso dos livros, essas representações ajudam a moldar a forma como as crianças negras se percebem e são percebidas por seus pares. A literatura, assim, tem o poder de reforçar ou desafiar as estruturas racistas, dependendo de como os personagens são construídos e quais histórias são contadas.

A partir dessas perspectivas teóricas, é possível entender que a literatura infantojuvenil, possuem um enorme potencial para contribuir na construção de uma educação antirracista, que valorize a diversidade e promova o respeito às diferentes identidades raciais. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que os autores, editores e educadores estejam conscientes do impacto que essas narrativas têm na vida das crianças. É preciso ir além da inclusão superficial de personagens negros e garantir que suas histórias sejam contadas de maneira complexa, diversa e respeitosa.

Dessa forma, este estudo busca investigar como os livros paradidáticos infantojuvenis podem atuar como ferramentas poderosas na desconstrução de estereótipos raciais, ao mesmo tempo que contribuem para a formação de uma identidade positiva para crianças negras. Analisaremos o papel desses livros na promoção de uma educação antirracista e na criação de representações que, de fato, reflitam a diversidade étnico-racial da população brasileira, ressaltando sua importância como um reflexo da sociedade que almejamos construir.

METODOLOGIA

Este estudo se alicerça em uma dupla abordagem: a revisão bibliográfica e a análise qualitativa de entrevistas, buscando explorar a representação racial nos livros paradidáticos e o impacto dessas leituras na formação identitária de crianças e adolescentes.

A revisão bibliográfica recorre às contribuições fundamentais de bell hooks e Nilma Lino Gomes, cujas reflexões críticas acerca das relações étnico-raciais e da representação da negritude na literatura fornecem o suporte teórico necessário para este trabalho. A partir de suas obras, questiona-se como a literatura paradidática, direcionada ao público infantil e juvenil, atua na construção de ideias sobre raça, pertencimento e identidade, especialmente no contexto escolar. Ao interpretar os textos dessas autoras, é

possível identificar as nuances de como o racismo estrutural se reflete e se perpetua nas narrativas literárias destinadas à formação de crianças e adolescentes.

Paralelamente, foram conduzidas entrevistas com alunos de uma organização da sociedade civil, localizados no Complexo de Favelas do Caju, onde o estudo se aprofunda na dimensão subjetiva dessas vivências. Participantes foram incentivados a refletir sobre os livros lidos ao longo do ano de 2024 nas escolas públicas em que estudam, com a seguinte questão norteadora: “Você se identifica com os personagens dessas histórias?” A intenção foi captar, de maneira sensível e direta, como a presença (ou ausência) de personagens negros, e suas respectivas trajetórias, impactam a construção de suas próprias narrativas identitárias.

Ao integrar a densa revisão teórica com as respostas espontâneas e emotivas desses jovens, busca-se traçar um panorama crítico sobre a efetividade dos materiais paradidáticos na promoção de uma representação racial equânime. As experiências relatadas pelos alunos revelam camadas profundas sobre o papel da literatura na formação de sua autopercepção, ressaltando a urgência de uma produção literária mais inclusiva e alinhada às demandas de diversidade racial no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou três categorias centrais que nos permitem compreender, de forma sensível, como os alunos lidam com as representações (ou a falta delas) em suas leituras. Essas categorias foram: (1) Espelhos ausentes: a invisibilidade da identidade negra, (2) Narrativas que afastam: a alienação das histórias escolares, e (3) A busca por pertencimento: leituras e reconstrução identitária. Cada uma dessas categorias emerge como um ponto de reflexão sobre os efeitos literários e simbólicos da ausência de diversidade racial nas leituras escolares.

Espelhos Ausentes: A Inexistência de Referências Negras

Durante as entrevistas, tornou-se evidente que os alunos raramente se veem refletidos nas histórias que consomem. Essa ausência é sentida como uma espécie de "apagamento" simbólico. Para os entrevistados, os livros que compõem o currículo escolar parecem não oferecer espelhos em que possam enxergar a si mesmos, suas

histórias e suas vivências. O conceito de “espelhos ausentes” surge quando os alunos percebem que seus traços físicos, culturais e raciais são invisibilizados, o que gera um impacto profundo na maneira como constroem suas percepções sobre si mesmos e sobre o mundo.

As crianças sugerem que, sem essa representação, a literatura se torna uma experiência solitária, onde as vozes negras são silenciadas. Essa invisibilidade reflete não apenas a ausência de personagens negros nas histórias, mas também a recusa da escola em reconhecer as realidades vividas por muitos de seus alunos. Ao invés de fornecer instrumentos para que crianças e adolescentes se conectem com a própria identidade, as narrativas lidas reforçam uma cultura que prioriza a experiência branca como norma.

Narrativas que Afastam: A Alienação das Histórias Escolares

Os alunos, ao compartilharem suas percepções sobre as leituras, frequentemente mencionaram a sensação de distanciamento emocional das histórias. As narrativas não apenas falham em incluir personagens negros, mas também em retratar experiências de vida que ressoem com a realidade dos estudantes. Nesse sentido, a literatura escolar é vista como algo "fora de alcance," um espaço onde a maior parte das histórias gira em torno de realidades irreconhecíveis para esses alunos.

Essa categoria de alienação não é apenas racial, mas também geográfica e cultural. Os alunos apontaram que os cenários, as problemáticas e os dilemas apresentados nos livros que leem na escola se desenrolam em universos distantes de suas realidades. A alienação, aqui, funciona como uma espécie de barreira entre o aluno e o texto, impedindo que a literatura cumpra seu papel emancipatório de abrir novas perspectivas e possibilitar diálogos internos profundos. Assim, as narrativas não apenas os afastam de si mesmos, mas também de uma conexão significativa com o processo educativo.

A Busca por Pertencimento: Leituras e Reconstrução Identitária

Apesar dessa alienação inicial, alguns alunos mencionaram que, mesmo nas entrelinhas, tentam encontrar formas de se conectar com as histórias lidas, reinventando o papel dos personagens ou adaptando as narrativas à sua realidade. Nesse contexto, a criatividade dos estudantes aparece como um ato de resistência: ao não encontrarem histórias que os representem, eles criam pontes entre as narrativas e suas vivências.

Esse processo de busca por pertencimento é complexo e cheio de camadas. Embora falte a representação literal nas páginas dos livros, os alunos utilizam suas próprias experiências para preencher essas lacunas, reinterpretando as histórias de forma que façam sentido em suas trajetórias. Essa reconstrução identitária, no entanto, é um trabalho solitário e árduo, pois não recebe apoio direto do sistema educacional. O que vemos, então, é uma tentativa dos estudantes de se afirmarem em espaços que não foram feitos para acolhê-los, transformando a ausência em presença através da imaginação e da adaptação criativa.

A partir dos resultados obtidos, é possível identificar que os achados desta pesquisa indicam a necessidade urgente de uma reestruturação profunda no processo de seleção de materiais literários nas escolas. Quando os livros paradidáticos falham em refletir a diversidade presente nas salas de aula, não apenas uma oportunidade de aprendizagem significativa é perdida, mas também se perpetua uma narrativa que exclui e marginaliza uma parcela significativa dos estudantes.

Esses resultados também indicam a importância de se considerar os processos de leitura não apenas como um exercício técnico, mas como uma prática profundamente cultural e social. O impacto da literatura no desenvolvimento de uma identidade racial saudável e positiva é inegável. Para que isso aconteça, é fundamental que a escola, enquanto espaço de formação crítica, se comprometa em oferecer aos alunos narrativas que dialoguem com suas realidades, permitindo-lhes ocupar, de fato, o centro das histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa indicam a necessidade urgente de uma reavaliação crítica das práticas pedagógicas no que diz respeito à seleção de materiais paradidáticos no contexto escolar. A invisibilidade das identidades negras nas narrativas literárias estudadas configura-se como um problema estrutural, refletindo e reforçando desigualdades raciais já amplamente discutidas no campo da educação. Tal constatação abre caminho para reflexões mais aprofundadas sobre a função da literatura no processo formativo de crianças e adolescentes, especialmente no que tange à construção de uma

identidade racial positiva e ao fortalecimento do senso de pertencimento dos alunos negros no ambiente escolar.

Neste estudo, verificou-se que a ausência de representatividade racial nas obras literárias adotadas impacta diretamente a forma como os estudantes se percebem e se posicionam no mundo. Tal constatação reafirma a relevância da literatura como um espaço não apenas de aquisição de competências técnicas de leitura, mas também de desenvolvimento de subjetividades e consciência crítica. Assim, conclui-se que a revisão do currículo literário deve ser entendida como uma ação estratégica fundamental para promover uma educação mais equitativa e inclusiva.

Do ponto de vista empírico, os achados desta pesquisa oferecem subsídios importantes para a comunidade científica interessada no campo das relações étnico-raciais na educação. O aprofundamento das análises realizadas a partir das experiências relatadas pelos alunos sugere a necessidade de novos estudos que investiguem, de maneira mais sistemática, o impacto da representatividade nas práticas pedagógicas. Pesquisas futuras podem se beneficiar da aplicação de metodologias diversas, tanto qualitativas quanto quantitativas, para explorar como a inclusão de narrativas diversas nas escolas pode influenciar positivamente o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

Além disso, este trabalho sinaliza a importância de se expandir o debate sobre o papel da literatura escolar para além das discussões focadas no desenvolvimento cognitivo, trazendo à tona a dimensão política e cultural das escolhas curriculares. Em diálogo com as análises apresentadas, sugere-se que novos esforços de pesquisa sejam direcionados à construção de propostas de intervenção pedagógica que garantam uma representação mais ampla e plural nas leituras escolares, contribuindo, assim, para a formação de indivíduos críticos, conscientes e comprometidos com a valorização da diversidade racial.

Finalmente, as conclusões aqui apresentadas reforçam a necessidade de que as políticas educacionais se atentem para a urgência de práticas curriculares antirracistas, capazes de transformar o espaço escolar em um ambiente mais democrático e acolhedor para todos. Assim, espera-se que este estudo possa contribuir não apenas para o avanço

das discussões acadêmicas sobre a temática, mas também para a implementação de ações práticas que promovam uma educação mais justa e inclusiva no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. TED Talk, 2009.

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 16 de ago. 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

BAPTISTA, C. R. et al. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas.** 2ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

HOOKS, bell. **Olhares negros raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.